

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA

CAMILLA LOPES MOURA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:
UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NO
HOSPITAL MUNICIPAL INFANTIL DE IMPERATRIZ/MA**

Imperatriz
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Moura, Camilla Lopes.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO : UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NO HOSPITAL MUNICIPAL INFANTIL
DE IMPERATRIZ/MA / Camilla Lopes Moura. - 2023.

53 p.

Orientador(a): Jónata Ferreira de Moura.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz/MA, 2023.

1. Estágio Obrigatório. 2. Experiência. 3. Memorial
de Formação. 4. Pedagogia Hospitalar. 5. Pesquisa
Autobiográfica. I. Moura, Jónata Ferreira de. II. Título.

CAMILLA LOPES MOURA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:
UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NO
HOSPITAL MUNICIPAL INFANTIL DE IMPERATRIZ/MA**

Memorial de Formação apresentado ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura.

CAMILLA LOPES MOURA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:
UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NO
HOSPITAL MUNICIPAL INFANTIL DE IMPERATRIZ/MA**

Memorial de Formação apresentado ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 05/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura (Orientador)
Doutor em Educação

Prof.^a Dr.^a Eloiza Marinho dos Santos (1^o Examinadora)
Doutora em Letras

Prof. Esp. John Jamerson da Silva Brito (2^o Examinador)
Especialista em Docência na Educação Básica

Aos meus pais, familiares e amigos pelo apoio e confiança depositados.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por permitir chegar até aqui e realizar o sonho da graduação.

À Maria Divina, minha mãe, que é meu alicerce e motivação das minhas conquistas, a que me acalenta e apoia em todas as decisões da minha vida, que fez de tudo para suprir as necessidades das suas filhas. A que foi mãe e pai, o real significado da palavra amor.

À minha avó, Maria de Jesus, que nunca mediu esforços para me ajudar e fez mais do que podia para me ver feliz.

À Jónata Ferreira de Moura, meu orientador, por ter aceitado me acompanhar nessa pesquisa.

Ao meu esposo, Lindembergh, por toda a ajuda durante o curso e por ser esse parceiro compreensivo e amigo.

Aos meus amigos Sebastião e Paulo Henrique (*in memoriam*), que sempre torceram para o alcance dessa conquista.

Aos meus amigos do curso de Pedagogia, John Jamerson, Diana da Silva, Diana Sabino, Carla Farias, Maria de Jesus, Vanessa Oliveira, Walisson Guimarães, Wellington dos Santos, Wilson Mota e Janaina Chaves. Obrigada por participarem dessa caminhada durante o curso.

“Seres humanos são como tapetes. Às vezes, precisam ser sacudidos”.

Mario Sergio Cortela

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso está escrito em forma de Memorial de Formação, pois parte da experiência da autora do estudo durante o Estágio Obrigatório de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da Pedagogia Hospitalar. A Pedagogia Hospitalar se mostra como um caminho a ser seguido por profissionais da educação, desmitificando que o pedagogo é o profissional para atuação somente dentro da sala de aula convencional. A educação pode e deve estar presente em todos os ambientes, conforme as legislações vigentes em nosso país. A pesquisa tem a seguinte questão de pesquisa: Como foi realizado o Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II no âmbito da pedagogia hospitalar, e quais as contribuições para minha formação acadêmica? Os objetivos são: 1) Narrar como aconteceu o Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar; 2) Avaliar as contribuições do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar, para minha formação acadêmica; 3) Analisar problemáticas encontradas no Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar. A pesquisa é do tipo autobiográfica, abordagem qualitativa com revisão bibliográfica e observação participante. Associado a essas fontes, temos o material produzido no Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental no âmbito da pedagogia hospitalar, que podemos chamar de material empírico. Pode-se dizer que a experiência despertou o desejo em seguir a profissão de pedagoga fora do ambiente escolar, mesmo com as dificuldades que a pedagogia hospitalar pode oferecer. Conhecer, mesmo que minimamente, a pedagogia hospitalar pelo estágio fez com que conhecesse o universo que é o curso de pedagogia, mesmo a universidade se esquivando de mostrar as diversas áreas que o curso abrange.

Palavras-chaves: Estágio Obrigatório; Pedagogia Hospitalar; Memorial de Formação; Experiência; Pesquisa Autobiográfica.

ABSTRACT

This Course Completion Work is written in the form of a Formation Memorial, as it is based on the experience of the author of the study during the Mandatory Internship of Initial Grades I and II of Elementary School, within the scope of Hospital Pedagogy. Hospital Pedagogy shows itself as a path to be followed by education professionals, demystifying that the pedagogue is the professional to act only within the conventional classroom. Education can and should be present in all environments, according to the legislation in force in our country. The research has the following research question: How was the Teaching Internship of Initial Series I and II carried out in the context of hospital pedagogy, and what were the contributions to my academic training? The objectives are: 1) To narrate how the Internship in Teaching in Initial Series I and II of Elementary School took place, within the scope of hospital pedagogy; 2) Evaluate the contributions of the Internship in Teaching in Initial Series I and II of Elementary School, in the scope of hospital pedagogy, for my academic formation; 3) To analyze problems encountered in the Internship in Teaching in Initial Series I and II of Elementary School, within the scope of hospital pedagogy. The research is autobiographical, qualitative approach with bibliographic review and participant observation. Associated with these sources, we have the material produced in the Teaching Internship of Initial Series I and II of Elementary School in the context of hospital pedagogy, which we can call empirical material. It can be said that the experience awakened the desire to pursue the profession of pedagogue outside the school environment, even with the difficulties that hospital pedagogy can offer. Getting to know, even if minimally, hospital pedagogy through the internship allowed him to get to know the universe that is the pedagogy course, even though the university avoided showing the different areas that the course covers.

Keywords: Mandatory Internship; Hospital Pedagogy; Formation Memorial; Experience; Autobiographical Research.

LISTA DE SIGLAS

CNE	Conselho Nacional de Educação
COAPES	Contrato Organizativo de Ação Pública Ensino-Saúde
COVID-19	Coronavírus
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPI	Equipamento de Proteção Individual
HMII	Hospital Municipal Infantil de Imperatriz
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC/SEESP	Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Especial
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNEE	Plano Nacional de Educação Especial
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROEN	Pró- Reitoria de Ensino
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UFMA/CCIm Imperatriz	Universidade Federal do Maranhão/Centro de Ciências de Imperatriz

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 MINHA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO	14
2 O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E A PEDAGOGIA HOSPITALAR	24
2.1 A realização do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar: questões teóricas e de legislação	24
2.2 As contribuições do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar, para minha formação acadêmica	33
2.3 As problemáticas encontradas no Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar	40
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ocorreu a partir de minha experiência no Estágio Obrigatório de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, em que realizei parte dele¹ no mundo da Pedagogia Hospitalar como um dos *lócus* de atuação do pedagogo. No Brasil, atualmente, existem leis que garantem o direito à educação para todos, incluindo as pessoas que por algum motivo se encontram hospitalizadas.

A Pedagogia Hospitalar se mostra como um novo caminho a ser seguido por profissionais da educação, desmitificando que o pedagogo é o profissional para atuação somente dentro da sala de aula convencional. A educação pode e deve estar presente em todos os ambientes, conforme as legislações vigentes em nosso país.

O Pedagogo dentro do ambiente hospitalar surge da necessidade das crianças hospitalizadas continuarem suas atividades escolares, a fim de não terem prejuízos de aprendizado durante o período em que necessitem ficar no hospital para tratamentos. A falta de informações relacionadas a esse direito da criança, acarreta em sua grande maioria, na exclusão do processo educacional no espaço hospitalar.

O desconhecimento dessa modalidade de ensino contribui de forma expressiva para uma ruptura no processo de escolarização da criança e adolescente, seja ele por parte do profissional da área da saúde, seja pelo próprio professor, pois este durante a graduação não tem discussões ou informações, menos ainda, disciplinas destinadas a esse ramo de atuação.

É necessária uma maior discussão desse tema dentro das universidades para que o pedagogo saia com uma base de atuação além do ambiente convencional de ensino ou gestão escolar, pois estes são os principais apresentados durante a graduação. O pedagogo pode transitar nos mais diversos ambientes, a fim de proporcionar a inclusão de alunos hospitalizados no processo de escolarização.

Este estudo veio da inquietação de investigar tal tema, partindo das necessidades encontradas durante o estágio obrigatório e das discussões acerca da

¹ O Estágio Obrigatório de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, foi dividido em duas etapas, onde a outra foi realizada na Escola Municipal Madalena de Canossa.

educação para todos, principalmente durante o momento da pandemia², o estágio foi realizado no primeiro semestre de 2021, momento este, que os profissionais da educação foram obrigados a se reinventar e adequar conforme a realidade em que o mundo se encontrava.

Outro aspecto a contemplar este estudo é o baixo nível de conhecimento e acesso as leis vigentes que amparam esses pacientes, a falta de estrutura encontrada no Hospital Infantil de Imperatriz para a implantação de uma classe escolar, e o desconhecimento generalizado da comunidade escolar acerca desse ramo da Pedagogia.

Tendo em vista a necessidade de discussão de uma temática atualmente sem muita evidencia, além de proporcionar grandes melhorias sociais para o aluno/paciente, elencamos a seguinte questão de pesquisa: Como foi realizado o Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II no âmbito da pedagogia hospitalar, e quais as contribuições para minha formação acadêmica?

Para ajudar-nos a encontrar respostas para a questão acima, elencamos os seguintes objetivos: 1) Narrar como aconteceu o Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar; 2) Avaliar as contribuições do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar, para minha formação acadêmica; 3) Analisar problemáticas encontradas no Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar.

Como o TCC é um memorial de formação, destaco que narro meus sentimentos no campo de estágio/pesquisa, e como desempenhei minhas atividades acadêmicas em um ambiente não escolar, assim reflito sobre os momentos mais significativos de aprendizagens que contribuíram para minha formação acadêmica e humana.

A pesquisa é de abordagem qualitativa, utilizando da revisão bibliográfica, além de pesquisas em dados *on-line*, legislação brasileira e fontes de informações como trabalhos publicados em congressos, artigos científicos e livros, e da observação participante. Associado a essas fontes, temos o material produzido no

² O termo pandemia refere-se a uma situação em que a ocorrência de uma determinada doença infecciosa não ocorre apenas em uma determinada localidade, espalhando-se por diversos países e em mais de um continente, com transmissão sustentada entre pessoas.

Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar, que podemos chamar de material empírico³.

A pesquisa é do tipo autobiográfica, que para Cruz e Ventura (2019) tem se intensificado atualmente dando sentido aos mais diferentes textos narrados, assim ela vem se destacando no cenário de investigação das ciências humanas, como métodos para pesquisas de pessoas que desejam narrar o seu processo de formação, bem como a construção de sua identidade docente. Nesse sentido,

Costuma-se lembrar que a abordagem (auto)biográfica nas Ciências Humanas e Sociais surge na Alemanha, com os trabalhos de Wilhelm Dilthey (1833-1911), numa ruptura com os modelos positivistas. Dilthey (1992) coloca a *reflexividade autobiográfica* no centro do paradigma compreensivo e toma a autobiografia como modelo hermenêutico para a compreensão do mundo humano. (PASSEGGI, 2010a, p. 28, grifo da autora, apud MOURA, 2019, p. 65)

Minhas palavras nesse trabalho se assemelham com a ideia de palavra de Passeggi (2011), em que não é algo simples ou dita por acaso, mas uma forma de construir uma realidade, no meu caso, a realidade que experienciei no Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar. Assim,

Se as palavras não são apenas uma representação da realidade, mas uma forma de construir uma realidade humana, ou de humanizar a realidade transformando-a em discurso, propomo-nos a começar pela etimologia do termo experiência, que evoca sua natureza cambiante e sua estreita relação com a formação humana. (PASSEGGI, 2011, p. 148)

Podemos considerar sobre essa perspectiva que nossas experiências serão avaliadas sobre tudo que acontece, de que forma nos afetou, pois, ao narrar nossas histórias de vida atribuímos um novo significado para as nossas ações. Para Passeggi (2011, p.147) “ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”.

Dando início pela minha história de vida e formação, percorrendo pelas leis que estabelecem o funcionamento da classe hospitalar. As dificuldades encontradas durante a realização do estágio e as contribuições para minha formação acadêmica.

³ Relatório do Estágio Obrigatório de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental.

1 MINHA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO

Minha história de vida começa em 1993 na cidade de Imperatriz/MA, minha mãe, muito jovem e vinda de uma realidade muito difícil, acabou engravidando do meu pai que na época trabalhava no garimpo que ficava localizado na região sul do estado do Pará, e simplesmente sumiu depois da notícia. Momentos delicados, já que ela morava com minha avó que sempre foi muito tradicional em relação à construção de uma família.

Minha mãe sequer terminou o Ensino Fundamental, pois naquela época o mais importante era trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Desde muito jovem trabalhou como doméstica em casa de família. Então, diante de todas as dificuldades de estar grávida aos 21 anos de idade, minha avó mesmo não aceitando a gravidez ajudou até o fim da gestação e sempre ameaçando que iria me dar para adoção assim que eu nascesse.

Nasci e com isso veio à responsabilidade de criar um ser totalmente dependente e indefeso. Assim seguimos, minha mãe trabalhando como podia e minha avó sempre ajudando. Ser mãe solteira nunca foi fácil e para completar o cenário que já não estava tão bom, meu pai resolve aparecer depois de seis meses que eu havia nascido e então ele veio morar conosco. Resultado, minha engravidou de novo e um ano depois nascia minha irmã.

Morávamos todos juntos na mesma casa, minha avó não aprovava o relacionamento dos meus pais. Vivíamos de briga após briga, todos os dias... Mesmo sendo muito pequena me lembro das eternas discussões que havia dentro de casa, pois o meu pai era um tanto acomodado. E se não bastasse à acomodação dele, ele tinha um vício com bebidas, tenho a lembrança muito forte de não gostar dos fins de semana, porque sabia que quando chegava à sexta-feira o terror dentro de casa começaria.

Meu pai se embriagava e chegava em casa quebrando tudo o que via pela frente. Minha avó não aceitava essa situação acontecendo dentro do teto em que ela era a maior provedora das despesas. E assim fomos vivendo durante alguns anos, até que minha mãe, após uma grave doença, decidiu dar um basta nesse círculo vicioso onde ninguém tinha paz, vivíamos com medo de uma agressão.

O alcoolismo é uma doença que afeta a saúde física, o bem-estar emocional e o comportamento do indivíduo. O álcool é um dos principais desajustes que

ocorrem dentro do contexto familiar, principalmente durante a infância em que a criança é submetida a um carrossel de emoções internas, prejudicando assim o seu desenvolvimento psicossocial.

A família pode ser considerada um suporte necessário para moldar dentro dos princípios éticos e morais assim, Martins (2007, p. 25) salienta:

O impacto da doença do alcoolismo não incide somente no contexto social mais amplo e na saúde do dependente, uma vez que, a dependência do álcool interfere também na relação familiar, pois os componentes da família vivenciam diariamente a realidade do familiar que enfrenta a dependência do álcool. É importante, portanto, ter clareza de como esse fenômeno se manifesta na relação familiar.

Não percebemos que o álcool é uma das drogas mais utilizadas e mais prejudiciais ao ser humano na nossa atualidade, pois seu uso é associado à alegria, festas e como é algo que não causa vícios rápidos a exemplo do crack; vemos o contato cada vez mais cedo a esse tipo de droga lícita, a facilidade está tornando a nossa sociedade cada vez mais doente e com isso a destruição de muitas famílias.

Enfim, meu pai foi embora e nossa vida se encaminhou com mais tranquilidade. Eu tinha de 10 a 11 anos de idade na época, e o sustento da casa ficou sendo a aposentadoria da minha avó e minha mãe foi trabalhar como doméstica. Tempos de pouco dinheiro, tudo bem controlado, nada de gastos desnecessários e nem supérfluos. Era o básico para sobreviver e seguir em frente na esperança de dias melhores.

Entre aos 3 anos de idade na creche, mas dessa época tenho poucas lembranças. Assim que iniciei a 1ª série do Ensino Fundamental fui estudar em uma escola que era na esquina da minha casa. A escola se chamava Reino da Criança localizada no bairro Vila Nova na cidade de Imperatriz/MA. Muitas memórias foram construídas durante o período em que estudei nela.

Lembro-me da minha professora que se chamava Telma, uma pessoa que exercia muito além de seu papel de professora, era uma educadora, era amiga, auxiliava no que podia para que conseguíssemos aprender de fato os conteúdos ensinados. Passei anos maravilhosos nessa escola quando fomos surpreendidos com a notícia que o prédio havia sido vendido e nele seria construído uma Igreja.

A frustração em ter que sair daquele lugar que eu tanto gostava ficou gravado na minha memória, pois era a recordação de brincar nos lugares onde começou a demolição e construção da Igreja. Eu olhava aquilo tudo e não acreditava que iria perder aquele espaço, e junto veio o medo de encarar uma nova realidade.

Então fui para a nova escola que também ficava no bairro em que eu morava. Foi muito difícil essa mudança, eu era uma pessoa muito tímida quase não abria a boca por vergonha mesmo. Na sala em que eu fiquei já existiam os grupinhos formados e eu que estava vindo de outra escola que tratasse de me enturmar. Além de estar entrando no Ensino Fundamental que já era uma realidade não tão fácil, um dos maiores problemas era fazer novas amizades.

Não foi fácil o primeiro ano de adaptação. Sofri muitas brincadeiras de mau gosto por parte de um grupinho de meninas da sala, o que hoje é chamado de *bullying*, e assim fui levando por alguns anos, fiz algumas amizades que até hoje mantenho contato.

É preciso dizer que o *bullying* pode acontecer dentro de todos os espaços em que convivemos, são práticas injustas, que os agressores agem na maioria das vezes com apoio de grupos, com características de perseguições que podem vir acompanhadas ou não de agressão física.

Apesar de existir a muito tempo, somente a partir dos anos 1970 esse fenômeno começou a ser estudado devido ao grande aumento de agressões entre alunos dentro do âmbito escolar, o que motivou um maior aprofundamento no assunto e ações a serem tomadas a fim de evitar maiores desastres. A Lei nº 13.185, em vigor desde 2016, classifica o *bullying* como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros.

Essa prática ao longo dos anos tem acarretado muitos danos psicológicos às crianças, que em sua grande maioria não consegue se quer relatar a prática que ocorre contra ela, principalmente dentro das escolas. Após um período prolongado de estresse essas pessoas levarão para a vida adulta marcas profundas e que precisarão de apoio psicológico para conseguir superar seus traumas.

Durante o tempo em que ocorreu a mudança de escola acabei fazendo parte do coral da Igreja Católica Menino Jesus que ficava no bairro em que eu morava. Era um projeto social para que as crianças tivessem alguma ocupação e

desenvolvessem suas habilidades. Os idealizadores eram pessoas da comunidade que não tinham formação em canto, mas tinham a vontade de formar um grupo musical para a comunidade e ensinar as crianças os ensinamentos religiosos.

Projetos dessa natureza são fundamentais para a construção moral e ética das crianças e adolescentes, pois são inseridos dentro de um mundo de possibilidades que visa minimizar a desigualdade social levando educação e cultura, ajudando-os a entender as perspectivas de vidas existentes.

Nos últimos anos, sobretudo a partir da década de 1990, é notável o crescimento na oferta de projetos com atividades de arte-educação para grupos de crianças e jovens em comunidades de baixa renda, também denominados “em situação de risco”. Em comum, os projetos de ensino de música, teatro, dança, artes plásticas, entre outras atividades, têm a preocupação em oferecer alternativas às realidades de carência (não só financeira, mas afetiva, de lazer, etc.). (HIKIJ, 2006, p. 73)

Na 7ª série tive muita dificuldade com a matemática, tanto que isso me marcou muito. A professora foi bem enfática: *ou eu entrava em uma aula de reforço ou ficaria reprovada*. Então, me matriculei em uma aula de reforço ao lado da minha casa com a Pâmela, ela ensinava reforço escolar pelo bairro, tinha um jeito diferente de ensinar, parecia que as matérias ficavam mais fáceis com ela explicando. Só então consegui recuperar minha nota na disciplina e aprender de fato os conteúdos matemáticos.

A disciplina de matemática tem sido o bicho papão de muitas crianças e jovens, porque a forma como é ensinada, em sua maioria, é tudo muito abstrato. O tradicionalismo como os professores ensinam, muitas vezes acaba prejudicando o aluno, pois essa perspectiva de ensino prioriza a memorização e a repetição como forma de aprendizagem o que acarreta em um falso conhecimento. Parra (1993, p. 11), faz forte crítica sobre isso, afirmando:

O mundo atual é rapidamente mutável, a escola como os educadores devem estar em continuo estado de alerta para adaptar-se ao ensino, seja em conteúdos como a metodologia, a evolução dessas mudanças que afetam tantas condições materiais de vida como do espírito com que os indivíduos se adaptam a tais mudanças. Em caso contrário, se a escola e os educadores descuidarem e se manterem estáticos ou com movimento vagaroso em comparação com a velocidade externa, origina-se um afastamento entre a escola e a realidade ambiental, que faz com que os alunos se sintam pouco

atraída pelas atividades de aula e busquem adquirir por meio de uma educação informal os conhecimentos que consideram necessários para compreender a sua maneira no mundo externo.

A 8ª série foi um momento de muitas descobertas, tanto na educação quanto na vida pessoal, pois estava entrando na adolescência achando que era dona do mundo, junto com minhas amigas que fiz ao longo dos anos. A escola apresentava uma precariedade muito grande nas salas, faltava o básico como carteira para a gente sentar e assistir aula. Isso era ruim, porque prejudicava nosso desenvolvimento e interesse pelas aulas, pois o ambiente não era convidativo, acarretando em uma repulsa aquele local.

O Ensino Médio foi marcado por greves na rede de ensino estadual e as poucas aulas que tinham, os professores não conversavam explicando sobre o Ensino Superior. Era como se fosse algo muito longe da nossa realidade, isso fez com que eu não me preparasse ou sequer pensasse em cursar o Ensino Superior.

Hoje percebo que uma orientação por parte de uma equipe escolar muda a vidas dos estudantes, ainda mais daqueles que se sentem distantes do mundo universitário. Conhecer profissões, sua rentabilidade e seu cotidiano é importante para o jovem do Ensino Médio que, grande parte, não sabe ainda que profissão pretende seguir, e nem sabe como fazer para ingressar no Ensino Superior, ainda mais na universidade pública. Acredito que esse papel a escola ou até mesmo os professores poderiam ter realizado durante meu Ensino Médio.

Finalizei o terceiro ano do Ensino Médio em 2009, sem o pensamento de entrar em uma faculdade, o que com os anos foi se tornando cada vez mais distante, precisei focar no que o momento me pedia mais, que era a sobrevivência: ajudar nas despesas de casa era o que a realidade me mostrava como mais urgente. O Ensino Superior ficava cada vez distante, fui para o mundo do trabalho onde somos obrigados a suportar os mais diversos tipos de humilhação e ainda sim continuar sorrindo e realizando um bom trabalho.

Cursar Pedagogia nunca foi meu sonho, na verdade quando entrei nem sabia do que realmente gostava, mas sabia que precisava de uma formação de nível superior, de algo que pudesse me ajudar a sair do comodismo em que me encontrava e mudasse minha realidade.

Como estava trabalhando, consegui pagar um cursinho pré-vestibular para tentar concorrer a uma vaga pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Foram

3 anos tentando até que consegui a vaga no curso de Pedagogia pelo sistema de cotas do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), da Universidade Federal do Maranhão/Centro de Ciências de Imperatriz (UFMA/CCIm). Pensei que a maior dificuldade havia já passado, que era entrar na universidade, mal sabia eu que era só o início da jornada.

O curso de Pedagogia surgiu em 1939 na Universidade do Brasil, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Contudo, a formação para a docência nos anos iniciais, antigo primário, teve início com a chegada da Escola Normal no Período Regencial em 1835 no Rio de Janeiro.

Desde 1939, quando o curso de Pedagogia foi institucionalizado em uma universidade, a formação do pedagogo ficou marcada, a princípio, pela fragmentação entre Bacharelado e Licenciatura. Os Bacharéis tinham habilitação técnica e os Licenciados trabalhavam nas escolas normais e secundária. Durante os anos de 1940, 1950 e em parte dos 1960, não ocorreram mudanças significativas no curso de Pedagogia, deixando a formação desse profissional ao entendimento exclusivo das instâncias superiores.

Com a Lei da reforma universitária nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, são fixadas novas normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, definindo as bases da reforma universitária. Com essa lei, a graduação em Pedagogia, recebeu habilitação em: em supervisão, O Estado do Conhecimento sobre o curso de Pedagogia ...Educação orientação educacional, administração e inspeção educacional. Quanto à formação de professores, visavam à formação para o ensino normal e o especialista para atuar na orientação, administração, supervisão e inspeção no âmbito das escolas. (CORTE; WIEBUSCH, 2014, p. 214)

Ocorreram mobilizações para que o curso de Pedagogia assumisse a docência como parte da identidade profissional, na tentativa de acabar com a fragmentação do curso. Tudo isso somente no início dos anos 1970.

No Maranhão, o curso de Pedagogia tem sua criação em agosto de 1952, na então Faculdade de Filosofia de São Luís. À época a grade curricular era organizada a conceder o grau de bacharel a quem realizasse três anos em conteúdo específicos da área e grau de licenciado aqueles que cumpriam mais um ano no curso de didática. Os autores Silva e Dublante (2016, p.1) mostram como era:

Inicialmente, o Curso de Pedagogia formava bacharéis, respeitando o “padrão federal” curricular num esquema chamado 3 + 1, no qual o bacharel, formado em um curso com duração de três anos, que desejasse se licenciar completaria seus estudos com mais um ano no Curso de Didática. Os Bacharéis em Pedagogia atuavam em cargos técnicos de educação no Ministério da Educação e os licenciados, ao concluírem o Curso de Didática, estariam habilitados ao magistério no ensino secundário e normal.

Em Imperatriz, o curso de Pedagogia chega em meados da década de 1980, com a fundação do Campus da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) na cidade. Isso aconteceu porque a cidade foi incluída no programa de interiorização da UFMA, que teve como objetivo atender as necessidades profissionais do município naquela época.

Foi nesse curso que iniciei meus estudos acadêmicos que escrevo esse Trabalho de Conclusão de Curso. Lembro até hoje a sensação de abrir aquela lista de espera e encontrar meu nome entre os selecionados, fiquei alguns minutos sem acreditar no que estava lendo. Quando a ficha caiu, me veio um choro de alívio por finalmente ter conseguido ingressar no ensino superior.

A felicidade em contar aos quatro ventos que tinha passado, veio carregada de comentários desqualificando minha conquista. O tipo de pergunta que desanima qualquer ser humano diante de uma conquista, que só eu sabia o valor que tinha e o quanto eu lutei para conseguir, eram: *Pedagogia? Tem certeza que é isso que você realmente quer? Você não tem perfil para professora!*

Ao longo da minha trajetória percebi quantas vezes a profissão do Pedagogo é colocada como algo irrelevante pela maioria das pessoas, cenário esse que encontrei dentro da minha própria casa. Ao anunciar para minha mãe, ela mesmo questionou: *vai ser professora?* Como se o único eixo para a profissão fosse à docência em sala de aula. Mas eu não a julgo, pois, ela não teve oportunidade sequer de concluir o Ensino Fundamental, teve uma infância e adolescência muito sofrida, trabalhava na roça e com isso não conseguia frequentar a escola, então dentro das suas experiências de vida, ela não era capaz de compreender que a Pedagogia é tão importante para as pessoas, como o advogado é para o cumprimento das leis existentes.

Sem dúvida, um momento desafiador em minha vida, pois eu mesma não tinha tanta convicção de que realmente havia feito a escolha certa. Mesmo diante

desse cenário de incertezas pessoais realizei minha matrícula e dei início a tão sonhada graduação.

Então, no segundo semestre de 2016 foi dado início a um dos maiores desafios de minha trajetória de vida, cursar Pedagogia na UFMA. O medo me acompanhou friamente durante o primeiro período, pois era tudo muito novo, eu não sabia sequer formatar um trabalho acadêmico. Não tinha ao menos um computador em casa. Atrelado a isso, a falta de tempo para poder me dedicar mais ao curso, nas matérias, pois trabalhava 8 horas por dia e estudava a noite. Chegava esgotada nas aulas e praticamente não conseguia me concentrar no que o professor estava explicando. O primeiro período foi muito desafiador, algumas vezes cheguei a cogitar desistir, pois o meu rendimento estava péssimo e eu não conseguia acompanhar o ritmo das aulas.

A maioria dos alunos do noturno tenta conciliar trabalho, família e responsabilidades sociais com os seus estudos acadêmicos. Com tantos afazeres inerentes à vida cotidiana, o tempo destinado para estudar fora da sala de aula fica restrito, provocando prejuízos para a aprendizagem dos alunos trabalhadores. (DUARTE; SANTOS; SANTOS, 2020, p. 3)

Entre os principais conflitos vividos pelos trabalhadores-estudantes estão a falta de tempo e o cansaço, que acaba acarretando dificuldades no processo de aprendizagem, e a grande maioria não consegue concluir o curso no tempo programado, pois em grande parte esses estudantes se deslocam diretamente do trabalho para a sala de aula.

Mas eu continuava firme no meu propósito em cursar a graduação. Foram muitas disciplinas e chegava a ter certeza que a Pedagogia não era para mim. Na disciplina de Sociologia da Educação, por exemplo, como foi difícil ser aprovada, tive muita dificuldade em assimilar a matéria. Não estava conseguindo me dedicar devido ao excesso de trabalho a qual era submetida diariamente.

Diversas vezes durante o curso o meu maior receio eram os estágios obrigatórios, não em relação ao contato com a realidade nas salas de aulas que um professor é imposto diariamente, mas em como eu participaria já que a empresa na qual eu trabalhava não me permitia faltar para realizá-los. Isso foi me acompanhando no curso todo.

Fui vencendo semestre, após semestre até chegar o momento que eu temia: o estágio supervisionado. No sexto período era necessário realizar o estágio em gestão escolar. Ele deveria ser feito pela manhã ou à tarde, e claro, eu não pude participar, pois a gerente da empresa em que eu trabalhava não me liberou, dizendo que a empresa não poderia abrir mão de um período de trabalho para que eu realizasse o estágio.

Essa mesma empresa, que dizia “apoiar” seus colaboradores para que eles pudessem crescer profissionalmente, que apoiava a educação como vetor de transformação, estava negando meu direito. Essa mesma não poderia me liberar para realizar um estágio, pois seria injustificável a minha ausência para esse tipo de necessidade.

E durante todo o curso eu me privei de diversas oportunidades de crescimento profissional em Pedagogia: não participei de programas que a faculdade oferece para esse contato com a realidade dentro da sala de aula, de entender e compreender a rotina de um professor, como o Pibid e o Residência Pedagógica⁴. Quantos aprendizados eu não me permiti, presa a um trabalho que não me enriquecia em nada como pessoa e muito menos como profissional.

Dentro dessa briga interna entre ter que escolher o que de fato me transformaria e que eu colheria frutos, na minha ignorância em não ter a paciência em plantar para depois colher, optei pelo caminho que a necessidade momentânea me levava que foi o trabalho em primeiro lugar. O estágio que eu mais esperava era em gestão escolar, pois me possibilitaria praticar a pedagogia que não fosse necessariamente dar aula.

Por outro lado, a disciplina de Projeto Educativo com a professora Herli de Sousa Carvalho me proporcionou aprender a produzir um projeto de monografia e dentre os temas sugeridos havia a pedagogia empresarial. Despertou minha curiosidade em relação à temática e fui em busca de mais pesquisas sobre o tema.

A partir disso compreendi as várias nuances da pedagogia e enfim me vi mais pertencente a essa profissão, conheci não só a pedagogia empresarial, mas também a hospitalar, administração escolar, coordenação pedagógica, orientação

⁴ Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e a Residência Pedagógica são parte da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Consistem em um investimento através de bolsas de estudo, para que estudantes de licenciatura façam parte de sua formação para se tornarem professores dentro de escolas.

educacional, entre outros. Sem dúvida foi a virada de chave que eu precisava para entender que estava no caminho certo.

2 O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E A PEDAGOGIA HOSPITALAR

A Pedagogia Hospitalar é uma das áreas de atuação do pedagogo, mas pouco discutida no curso, contudo, as crianças e adolescentes que necessitam passar por períodos longos de internação são assegurados por lei a estarem assistidos por profissionais da educação durante o tratamento.

As contribuições adquiridas a partir do Estágio Obrigatório em Magistério das Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental me fizeram entender a pluralidade de espaços possíveis para atuação do pedagogo.

Nesse capítulo apresentarei as questões teóricas, legislação e as contribuições do Estágio Obrigatório para minha formação acadêmica durante sua realização no Hospital Municipal Infantil de Imperatriz/MA.

2.1 A realização do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar: questões teóricas e de legislação

O Estágio Curricular Supervisionado é de grande valia para a formação inicial do docente, a partir do contato com o ambiente de atuação é possível compreender a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem, além de vivenciar os desafios que a profissão exige. É a união da teoria com a prática além dos muros acadêmicos. Desse modo,

Entende-se o Estágio como uma oportunidade de inserção numa realidade, no caso, escolas de educação básica, permitindo a confrontação do saber acadêmico com o saber da escola, permitindo aos estudantes aprender como se dão as relações de trabalho. O exercício de inserção e distanciamento, quando permeado de análises do processo vivenciado, prepara o futuro professor para a possibilidade de contribuir para a formação. (GISI; MARTINS; ROMANOWSKI, 2009, p. 208)

O que nos faz refletir sobre até que ponto o processo formativo realizado durante as disciplinas de estágio supervisionado realmente contribui na preparação dos futuros pedagogos para a docência. Com isso, é possível reconhecer questionamentos e lacunas existentes para o exercício da profissão que pode aproximar os futuros docentes com campos de ensino não escolares, ajudando na construção de sua identidade profissional.

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. [...] Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos. (PIMENTA, 1996, p. 76)

Nesse movimento do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias, como disse a autora acima, encontramos no Estágio em Magistério das Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, que foi realizado no primeiro semestre de 2021, um ambiente pouco explorado no tocante à pedagogia hospitalar durante o curso de pedagogia, pois não há nem disciplinas com essa temática no curso. O que acarreta ao desconhecimento, por parte da grande maioria dos alunos, sobre o assunto.

A pedagogia hospitalar é um modo de ensino da Educação Especial que visa a ação do educador no ambiente hospitalar, no qual atende crianças ou adolescentes com necessidades educacionais especiais transitórias, ou seja, crianças que por motivo de doença precisam de atendimento escolar diferenciado e especializado. Cabe ao hospital buscar alternativas e métodos qualificados que possibilitem aos pacientes usufruírem de abordagens educacionais por um determinado espaço de tempo. (SILVA, 2012, p.1)

Parte do Estágio em Magistério das Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental foi realizado no Hospital Municipal Infantil de Imperatriz/MA, com o objetivo de apresentar aos estudantes o ambiente hospitalar e as possíveis atividades com os pacientes que estavam nas salas de observação, triagens e internados. Mas por que isso aconteceu?

O mundo enfrentava o pico da pandemia da COVID-19, momento esse em que os estágios obrigatórios estavam ocorrendo apenas de forma remota, pautados pela alteração na resolução da UFMA em relação aos estágios obrigatórios e a instrução normativa nº 05/2021-PROEN, determinou:

Art. 1º. O estágio curricular obrigatório deve ser realizado, preferencialmente, por meio remoto, semipresencial ou por escala de revezamento, conforme a natureza das atividades de cada curso de graduação, de modo a atender aos protocolos de saúde e de segurança recomendados para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19).

Art. 3º. As atividades práticas de estágio curricular obrigatório dos cursos de Licenciatura poderão ser substituídas pela realização de atividades remotas, desde que seja assegurado o registro das atividades desenvolvidas no estágio e garantida a participação do Supervisor Técnico da instituição Concedente e do Supervisor Docente nas etapas de planejamento e execução das atividades remotas.

Art. 4º. As atividades de Supervisão Docente de estágio curricular obrigatório poderão ser mantidas de maneira presencial ou não presencial, utilizando-se dos meios tecnológicos disponíveis.

Possibilitando assim a realização do estágio por escalas de grupos atendendo aos protocolos estabelecidos pelo hospital e aguardando o início da vacinação no Brasil que ocorreu em janeiro de 2021, seguindo a ordem dos grupos prioritários, foi como nosso estágio aconteceu. Foi disponibilizado para os estagiários a vacinação antecipada, para que pudéssemos ter acesso ao ambiente hospitalar e evitar quaisquer tipos de contaminação. Sabendo que a educação é um dos direitos das crianças e adolescentes, por isso assegurada mesmo em estado de internação a longo ou curto prazo, conforme determina a LDB 9394/96. Toda criança precisa dispor de todas as oportunidades possíveis, para que os processos de desenvolvimento e aprendizagem não sejam suspensos.

A criação das classes hospitalares foi o resultado da necessidade da continuação do ensino para crianças hospitalizadas que possuem direito e acesso a escolarização, independente do período de permanência no hospital para a recuperação da saúde. Esta classe hospitalar é definida pelo Ministério da Educação como sendo:

[...] o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental. (BRASIL,2002, p.13)

Em 2002 foi publicado pelo Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial MEC/SEESP, o documento *Classe hospitalar e atendimento pedagógico*

domiciliar: estratégias e orientações. Esse documento é de caráter orientador, na medida em que se estruturam as ações nas classes hospitalares, orientando para:

Na impossibilidade de frequência à escola, durante o período sob tratamento de saúde ou de assistência psicossocial, as pessoas necessitam de formas alternativas de organização e oferta de ensino de modo a cumprir com os direitos à educação e à saúde, tal como definidos na Lei e demandados pelo direito à vida em sociedade.

Cumprir às classes hospitalares e ao atendimento pedagógico domiciliar elaborar estratégias e orientações para possibilitar o acompanhamento pedagógico-educacional do processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos matriculados ou não nos sistemas de ensino regular, no âmbito da educação básica e que encontram-se impossibilitados de frequentar escola, temporária ou permanentemente e, garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral.

O atendimento educacional hospitalar e o atendimento pedagógico domiciliar devem estar vinculados aos sistemas de educação como uma unidade de trabalho pedagógico das Secretarias Estaduais, do Distrito Federal e Municipais de Educação, como também às direções clínicas dos sistemas e serviços de saúde em que se localizam.

Compete às Secretarias de Educação, atender à solicitação dos hospitais para o serviço de atendimento pedagógico hospitalar e domiciliar, a contratação e capacitação dos professores, a provisão de recursos financeiros e materiais para os referidos atendimentos. (BRASIL, 2002, p.15)

Além dos aspectos educativos a criança hospitalizada precisa se ocupar com atividades alheias a seu tratamento; precisa interagir, brincar, se divertir a fim de que sua recuperação seja mais rápida. Pois o estado emocional de estar longe de casa, sendo submetida à rotina diária de tratamentos invasivos, acaba deixando essa criança em um estado mais triste, o que não ajuda a superar com rapidez seu processo de internação. Segundo Matos e Mugiatti (2012, p. 72):

Observa-se que a continuidade dos estudos, paralelamente ao internamento, traz vigor às forças vitais da criança ou (do adolescente) hospitalizado, como estímulo motivacional, introduzindo-os, a se tornarem mais participante e produtivo, com vistas e uma efetiva recuperação.

A pedagogia hospitalar visa além de tudo que esse paciente não perca o vínculo com suas atividades escolares, mesmo passando por momentos de internação, auxiliando as crianças e adolescentes hospitalizados a não abandonarem os estudos, sendo possível essa continuação após alcançar a cura e retornar à escola. E também, evitar a evasão escolar, pois quando os responsáveis das crianças e adolescentes sabem das leis que garantem o ensino durante o período de internação, faz com que esses responsáveis contribuam para evitar a evasão escolar.

A falta de conhecimento sobre leis que garantem o ensino de crianças e adolescentes durante o período de internação, faz com que muitos pais e mães acabem contribuindo para uma evasão escolar. Seria necessária uma maior inclusão desse tema dentro da comunidade, para uma maior compreensão da legislação e reconhecimento do amparo de tais programas, a fim de que seus indivíduos tenham seus direitos assegurados e que possam exercer sua cidadania. Isso porque o Plano Nacional de Educação Especial (PNEE), declara que: por meio de parceria com unidades hospitalares, o sistema educacional deve preparar adequadamente os espaços físicos, disponibilizando ambientes para o ensino e para o atendimento educacional especializado, considerando a ambiência hospitalar e as condições clínicas e psicoemocionais de cada estudante. Esses ambientes apropriados nos quais se desenvolvem as atividades da classe hospitalar devem ser vinculados a uma escola pública ou em parceria com uma escola privada. (BRASIL, 2020, p. 81)

Dessa maneira, é necessário que órgãos responsáveis pela Educação de estados e municípios estejam com ações de cooperação previstas e vinculadas a unidades regulares de ensino, afim de preparar ambientes que estejam conectados com o ensino dentro da escola, visando este indivíduo que está temporariamente impedido devido a fragilidade de sua saúde, tenha o apoio necessário para desenvolver suas atividades sem danos a sua jornada escolar.

O atendimento pedagógico hospitalar está previsto na Lei 13.716 de 2018, que determina em seu Art. 4º A:

É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.

Pelo exposto, qualquer criança e adolescente têm direito a educação independentemente de estarem em ambiente hospitalar ou escolar. A pedagogia hospitalar visa um processo alternativo da educação, pois transcende os meios tradicionais de ensino. É possível perceber que o professor dentro da classe hospitalar precisa ter maior dedicação em estar se reinventando e adequando as práticas pedagógicas de acordo com as especificidades de cada paciente. E suas condições naquele momento, além das diferentes faixas etárias e níveis.

Um dos principais desafios do pedagogo dentro desse novo ambiente de ensino é a parceria que deve ser feita com os profissionais de saúde, afim de que seu trabalho seja um grande aliado a rápida recuperação desse paciente, tendo acesso ao prontuário e estando ciente da gravidade enfrentada por cada indivíduo, pois a partir dela o pedagogo consegue traçar métodos adequados de ensino.

O pedagogo tem um grande papel a ser desenvolvido no hospital em conjunto com outros profissionais, pois salienta-se que uma criança enferma precisa de cuidados que vão além dos aspectos físicos e biológicos e, por este motivo, diversas áreas do conhecimento se integram em prol da continuidade do desenvolvimento global dos pequenos pacientes. (GIL; PAULA; MARCON, 2001, p. 113)

O atendimento pedagógico hospitalar é para a criança um local onde se remete a realidade mais próxima de seu cotidiano, proporcionando seu desenvolvimento social e cognitivo através de atividades, sendo possível sua continuidade às atividades escolares. Quem nos ajudar a entender melhor essa premissa é a resolução de 15 de maio de 2006 ao citar as outras áreas onde sejam previstos conhecimentos pedagógicos:

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006)

A partir dessa resolução, o pedagogo pode exercer um papel de grande relevância na transição e construção de conhecimentos das crianças e adolescentes que estão internados, ajudando na recuperação da saúde.

[...] a contribuição do pedagogo, como profissional da educação, nas equipes especializadas hospitalares, e na condição de técnico por excelência do processo cognitivo, viria oferecer maiores e melhores possibilidades de clareza aos respectivos entendimentos, considerando as especificidades de suas ações. (MATOS; MUGIATTI, 2009, p. 15-16)

O espaço de aprendizado ocorre onde existe a necessidade do aprender. O que podemos perceber ao longo dos anos é que a educação busca a conscientização e libertação dos mecanismos impostos, visando caminhos para ações transformadoras. As leis vêm assegurar os direitos de acesso e permanência na escola, para que as crianças e adolescentes continuem amparados mesmo em situações de impedimentos por questões de saúde a frequentar a unidade escolar.

Outros aspectos a serem analisados é até que ponto ocorre a divulgação das leis e análises desses atendimentos, para que de fato ocorra a implementação e utilização desses serviços pela comunidade. É necessário a discussão por parte das escolas sobre o que ampara o atendimento pedagógico hospitalar.

Ainda que esteja na previsão legal a possibilidade de aulas nas enfermarias, esbarramos nos problemas de espaço físico e estrutural dentro dos hospitais, além dos recursos financeiros por parte da gestão e dos órgãos responsáveis para a instalação e funcionamento da classe hospitalar. Mas é importante ressaltar que a falta de estrutura não é restrita apenas dentro do ambiente hospitalar, mas também no espaço escolar.

Além das classes escolares, o hospital também deve contar com uma brinquedoteca. A ruptura do cotidiano e imersão dentro de um ambiente que muitas das vezes remetem apenas dor, acaba deixando a criança em situação de *stress* elevado e muita das vezes acaba atrapalhando o próprio tratamento dentro do hospital. O ambiente lúdico que a brinquedoteca proporciona, ameniza o processo de hospitalização, pois segundo Friedmann (1992, p. 30):

A brinquedoteca é um espaço privilegiado que reúne a possibilidade e o potencial para desenvolver as características lúdicas. É hoje, um dos caminhos mais interessantes que pode ser oferecido às crianças de qualquer idade e faixa socioeconômica. O intuito é o de resgatar, na vida dessas crianças, o espaço fundamental da brincadeira, que vem progressivamente se perdendo e comprometendo de forma preocupante o desenvolvimento infantil como um todo.

Considerando a Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, que determina a obrigatoriedade sobre a instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que realizam atendimento pediátrico sobre regime de internação, é observado para o cumprimento dessas diretrizes que:

- I - os estabelecimentos hospitalares pediátricos deverão disponibilizar brinquedos variados, bem como propiciar atividades com jogos, brinquedos, figuras, leitura e entretenimento nas unidades de internação e tratamento pediátrico como instrumentos de aprendizagem educacional e de estímulos positivos na recuperação da saúde;
- II - tornar a criança um parceiro ativo em seu processo de tratamento, aumentando a aceitabilidade em relação à internação hospitalar, de forma que sua permanência seja mais agradável;
- III - agregação de estímulos positivos ao processo de cura, proporcionando o brincar como forma de lazer, alívio de tensões e como instrumento privilegiado de crescimento e desenvolvimento infantil;
- IV - ampliação do alcance do brincar para a família e os acompanhantes das crianças internadas, proporcionando momentos de diálogos entre os familiares, as crianças e a equipe, facilitando a integração entre os pacientes e o corpo funcional do hospital; e
- V - a implementação da brinquedoteca deverá ser precedida de um trabalho de divulgação e sensibilização junto à equipe do Hospital e de Voluntários, que deverá estimular e facilitar o acesso das crianças aos brinquedos, do jogos e aos livros. (BRASIL, 2005, p.1)

A Prefeitura de Imperatriz, lançou uma nota em seu *site* oficial lembrando que a unidade de saúde infantil tem o espaço da brinquedoteca que desenvolve atividades lúdicas e pedagógicas com crianças e adolescentes internados, que continuam tendo o direito à educação básica, que é assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº9.394/96. Abaixo ilustramos a brinquedoteca do HMII com uma foto de um dos estagiários do grupo que fiz parte no estágio:

Imagem 1: Sala da Brinquedoteca, Hospital Municipal Infantil de Imperatriz/MA.
Fonte: Arquivo próprio



Esse espaço pode proporcionar atendimento educacional às crianças e adolescentes nos serviços de saúde durante seu período de observação, acolhimento e longa internação dentro do hospital. Mas o que vimos na prática foi apenas um espaço que é utilizado para o brincar sem estabelecer sentido a prática aplicada, faltando recurso humano especializado no comando da brinquedoteca.

Imagem 2: Sala da Brinquedoteca, Hospital Municipal Infantil de Imperatriz/MA.
Fonte: Arquivo próprio



Percebemos ainda, que aparentemente as crianças estão sendo amparadas aos seus direitos de acesso à educação enquanto estão hospitalizadas, mas na

prática o hospital oferece apenas uma sala de recreação com alguns brinquedos advindos de doações e sem sequer um profissional especializado em pedagogia.

Por se tratar de uma sala de uso coletivo, é preciso lembrar do risco propício de infecção hospitalar cruzada dentro desse ambiente, por isso é necessário assepsia constante nos brinquedos que ficam à disposição de todos. Isso eu e meus colegas de estágios fizemos em todos os momentos que estivemos na brinquedoteca.

A brinquedoteca é vista pelos pais como um gesto de solidariedade e que tenha sido pensada visando o bem-estar e lazer da criança durante o tratamento, quando na verdade é apenas o município cumprindo o seu dever de proporcionar momentos de recreação que estão amparados na lei nº 11.104, de 21 de março de 2006 no Art. 1º: “Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.”

A Coordenação da brinquedoteca é realizada por uma funcionária da limpeza, na qual ela abre o espaço em determinados horários estabelecidos do dia e apenas fica responsável apenas por manter o espaço aberto, as crianças só podem utilizar com a presença do responsável.

Outro ponto a ser observado é a falta de um Projeto Político Pedagógico (PPP) dentro da classe hospitalar. A ausência desse documento revela uma falha tanto educacional como política, pois o PPP é o que norteia a organização do trabalho pedagógico e direciona o ensino democrático. É necessário um acompanhamento para o cumprimento da legislação educacional prevista.

A partir desse planejamento é possível ter uma melhor orientação e organização do calendário de aulas, das metodologias a serem utilizadas na rotina hospitalar, visto que as turmas acabam sendo multisseriadas, tendo cada criança com suas especificidades.

2.2 As contribuições do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar, para minha formação acadêmica

A docência em um espaço formativo não tradicional, tornou possível uma nova visão quanto as vertentes de atuação que um pedagogo é capaz de transitar. Partindo da realidade vivenciada durante o ensino remoto em que ocorreu o

processo de adaptação tanto para o aluno, quanto para o professor, me possibilitou enxergar de uma nova maneira a pedagogia.

É importante que a educação seja vista como a área que deve caminhar junto de todos que buscam uma melhor qualidade e desenvolvimento do ensino, visando um fortalecimento das aprendizagens das crianças, para que tenham um bom desenvolvimento.

O ensino dentro de um hospital, por exemplo, é pouco discutido como campo de atuação profissional do pedagogo, o que estamos habituados a ver é sempre relacionado a gestão escolar, à sala de aula de uma escola ou no máximo atuação em espaço empresarial.

Além disso, foi perceptível identificar que a mediação educacional não se restringe apenas à escola, mas se faz necessária onde necessite de atendimento educacional e em conformidade com a Resolução CNE/CP N° 1, de maio de 2006, que trata da importância do pedagogo em espaços não escolares. No Art. 5º diz que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

- IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;
- VII - relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas;
- VIII - promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade.

O período de estágio no Hospital Municipal Infantil de Imperatriz foi de grande impacto social e emocional para mim. Estar em um ambiente no qual aflora nossos sentimentos por pessoas desconhecidas, mas que ao mesmo tempo se tornam histórias que fazem parte de um todo, foi uma experiência que, aliada às aulas no curso, me enriqueceu muito. Os corredores de um hospital nos remetem sempre a um local de muita tristeza e dor, mas representam esperança para seus usuários.

O Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar abriu caminhos para novos horizontes de atuação enquanto futura pedagoga, as várias vertentes que podem ser percorridas pela educação e o quão plural é a pedagogia. Cada vez mais o pedagogo é inserido em ambientes que antes não eram vistos como pedagógicos.

Assim, realizamos (eu, Maria de Jesus e Hugo) o referido estágio no Hospital Municipal Infantil de Imperatriz:

Imagem 3: Hospital Municipal Infantil de Imperatriz
Fonte: Google



Ao chegarmos no hospital nos dirigíamos até a sala da coordenação do Contrato Organizativo de Ação Pública Ensino-Saúde (COAPES), onde conhecemos a responsável técnica Valdina dos Santos Aguiar que nos auxiliou durante todo o estágio, ela também é professora da educação infantil de formação. Informou-nos o funcionamento do hospital, quais os cuidados que deveríamos adotar, disponibilizou uma sala para que pudéssemos nos trocar para usarmos as vestimentas adequadas para adentrarmos na ala das enfermarias e brinquedoteca.

O atendimento diário do Hospital Municipal Infantil, o Socorrinho, é em média de 80 a 100 crianças por dia, sendo referência no atendimento, pois atende cerca de 43 municípios maranhenses, além de cidades do Tocantins e Pará. Conta com uma equipe multidisciplinar que envolve médicos, psicólogos, assistente social e equipe de enfermagem.

O planejamento para a realização do estágio dentro do ambiente hospitalar mediante a situação pandêmica que o mundo enfrentava, foi estruturado de forma para que os estagiários pudessem adentrar seguindo todas as recomendações da gestão do hospital. Incluindo a vacinação antecipada para os estagiários, o tipo de vestimenta e materiais necessários como o uso de jaleco, touca, máscara e luvas.

Foi alinhado até que ponto poderíamos fazer as intervenções com as crianças hospitalizadas, a importância da correta utilização do EPI (equipamento de proteção individual), para não correr o risco de levarmos contaminação para dentro do ambiente hospitalar, e afim de que nossa saúde também fosse preservada, sendo repassado o funcionamento das alas existentes.

A oportunidade de aplicar práticas pedagógicas em um ambiente não escolar, proporcionou novas vivências e a partir delas, uma reformulação interna no modo como eu via a pedagogia. Conhecendo os bastidores de um hospital, desde a recepção até o momento em que o paciente é internado, e como o fazer pedagógico é fundamental para que a criança consiga encarar de forma mais leve o tratamento, buscando não haver a ruptura brusca do seu cotidiano, foi realizador.

A partir dessa experiência pude observar as leis que tangem esse tipo de ensino, o que a instituição hospitalar deve proporcionar às crianças e aos adolescentes internados quando se trata de educação, notando assim o quão falho é o sistema quando se trata de cobrar a efetivação das legislações vigentes.

A visão leiga que é compartilhada pela maioria dos usuários do sistema público de saúde deixa claro o abismo existente quando nos referimos a educação dentro do ambiente hospitalar. A maioria dos pais de crianças e adolescentes que necessitam de internação não sabem como proceder para que seus filhos continuem com o acompanhamento pedagógico durante esse período.

Realidade essa compartilhada por nós estagiários. Somente a partir do estágio dentro de um hospital pude perceber que há leis que direcionam a implantação e funcionamento de uma classe hospitalar para atender as crianças em idade escolar, para que não ocorra a ruptura de suas atividades durante o período em que necessitar ficar afastada da escola.

Até então nunca havia ouvido falar no termo classe hospitalar e em como esse tipo de apoio pedagógico é transformador na vida do paciente que necessita utilizar esse serviço, que o poder da educação vai além dos muros de uma escola.

Afinal, um pai que está com um filho enfrentando algum tratamento de saúde, certamente o último pensamento dele é em como ficará o ano escolar da criança, não que esteja errado pensar apenas no alcance da cura, mas devemos levar em consideração que esse indivíduo está inserido em um meio escolar e que a interrupção desse momento pode ocasionar atrasos para seu pleno desenvolvimento.

A partir disso, busquei entender como funciona e o que é uma classe hospitalar, descobri que o pedagogo é peça fundamental para a continuação do ensino e da aprendizagem dentro desse espaço não formal de ensino. Compreender que os abismos entre saúde e educação são enormes e o principal prejudicado nesse sistema é o aluno, foi revelador. A resolução n.º 2, de 11 de setembro de 2001, Art. 13 diz que:

Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar ou permanência prolongada em domicílio. As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

O hospital infantil não dispõe de estrutura física para o funcionamento de uma classe escolar e não dispõe de assistência pedagógica aos pacientes. Possui apenas uma brinquedoteca que oferece diversos materiais lúdicos para essas crianças que estão, em sua maioria, fora do seu domicílio de origem o que acaba trazendo um pouco de alento diante da situação difícil que muitas estão enfrentando naquele momento. É fundamental uma brinquedoteca em um hospital infantil, pois segundo Junqueira (2003, p. 1):

O brincar facilita o acesso à atividade simbólica e a elaboração psíquica de vivências do cotidiano infantil. Através dos jogos simbólicos, a realidade externa pode ser assimilada à realidade interna, nesse caso específico, auxiliando a criança a lidar com o seu adoecer e a hospitalização.

Na brinquedoteca do hospital buscamos envolver as crianças nos jogos que haviam na sala, ficam à disposição materiais para pintura, jogos de montar, livros e uma variedade de brinquedos. Iniciamos com uma contação de histórias, em outro momento realizamos a pintura de desenhos, e dentro das possibilidades físicas de alguns, pedimos para que eles realizassem desenhos de algo que gostassem.

O planejamento foi feito através de um plano de atividades, definido a partir das orientações repassadas pela coordenação do estágio, visando sempre o bem-estar das crianças e que pudessem ser realizados pela maioria dos que estavam internados.

Para melhor conhecer a criança é preciso aprender a vê-la. Observá-la enquanto desenha: o brilho dos olhos, a mudança de expressão do rosto, a movimentação do corpo. Estar atenta à maneira como registra o seu espaço, aprender a ler a maneira como escreve a sua história é importante

[...] porque o desenho é para criança uma linguagem como o gesto e a fala. A criança desenha para falar e poder registrar sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever, a criança se serve do desenho. A criança desenha para falar de seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas. (MOREIRA, 2009, p. 20)

O espaço destinado a atividades lúdicas e pedagógicas durante o momento de internação é um ambiente que proporciona aos pais acompanharem seus filhos, pois na sala da brinquedoteca fica apenas uma profissional responsável por manter o ambiente limpo e organizado. Essa profissional não tem formação acadêmica necessária para atender uma classe hospitalar, e o que vemos é que o paciente dispõe apenas de momentos de lazer e não de um acompanhamento especializado.

Outro fator que encontramos durante a realização do estágio é o quanto as crianças estão cada vez mais deixando de lado o interesse no brincar, na sala de observação por exemplo, haviam crianças de 3 a 7 anos de idade, todas sem exceção estavam com um celular na mão brincando em jogos virtuais.

Diante disso, insistimos um pouco e começamos a contação de histórias mesmo com as crianças não dando muita atenção, instigamos para que elas se envolvessem com os personagens que estavam representados por dedoches buscando dar sentido a ação realizada. Na imagem abaixo pode ser notada nosso momento de contação de história com dedoches:

Imagem 3: Sala de observação, Hospital Municipal Infantil de Imperatriz/MA.
Fonte: Arquivo próprio



Contar história é algo que caminha do simples para o complexo e que implica estabelecer vínculos e confiança com os ouvintes. Contar história é confirmar um compromisso que vem de longe e por isso, atividades relacionadas às contações de histórias devem ser desenvolvidas com muito critério. (CAVALCANTI, 2002, p. 83)

A classe escolar dentro de um hospital visa que o aluno/paciente internado não tenha seu ensino regular interrompido, visto que alguns tratamentos necessitam de um maior tempo de internação para a recuperação plena da saúde desse indivíduo. Para que não tenha seu cotidiano afetado de forma brusca e possa dar continuidade ao seu processo de desenvolvimento dentro da aprendizagem escolar, cria-se as classes hospitalares.

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental. (BRASIL, 2002, p.13)

A aprendizagem se relaciona não somente ao ambiente tradicional que uma escola tem, mas se faz a partir da necessidade de cada indivíduo, e esta deve ser inserida mesmo em condição de adoecimento da criança. É perceptível a

necessidade de uma ampla divulgação sobre as leis que amparam esses indivíduos durante processos de internação.

O Ministério da Educação, por meio de sua Secretaria de Educação Especial, tendo em vista a necessidade de estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes e instituições outras que não a escola, resolveu elaborar um documento de estratégias e orientações que viessem promover a oferta do atendimento pedagógico em ambientes hospitalares e domiciliares de forma a assegurar o acesso à educação básica e à atenção às necessidades educacionais especiais, de modo a promover o desenvolvimento e contribuir para a construção do conhecimento desses educandos. (BRASIL, 2002, p. 7)

O conhecimento ainda é o maior aliado para que possamos cobrar melhorias e fazer valer as leis já existentes, principalmente quando o assunto é acesso a saúde e educação de qualidade. Estar inserida dentro do ambiente hospitalar me fez perceber o quão frágil nos tornamos durante o enfrentamento de enfermidades, fazendo com que a educação seja colocada em segundo plano.

Estar em um ambiente hospitalar nos mostra que a figura do pedagogo se faz necessária durante o processo de internação de crianças e adolescentes, fazendo com que esse aluno que está fragilizado consiga mudar o foco e preencher o seu tempo com a continuação da sua aprendizagem, trazendo assim um pouco de conforto durante esse momento.

O trabalho do pedagogo hospitalar também tem como proposta a intervenção terapêutica procurando resgatar seu espaço sadio, provocando a criatividade, as manifestações de alegria, os laços sociais e a diminuição de barreiras e preconceitos da doença e da hospitalização, a metodologia deve ser variada mudando a rotina da criança no qual permanece no hospital. (SILVA, 2012, p. 5)

Um assunto pouco discutido no âmbito educacional, é sobre a atuação do pedagogo dentro do ambiente hospitalar, mas que é de suma importância sua divulgação na grade curricular do curso de Pedagogia. A pedagogia ao longo dos anos ganhou espaço em diferentes locais de atuação, onde antes não eram vistos como possíveis, hoje vemos o pedagogo dentro de empresas, na gestão e no âmbito hospitalar. A necessidade de transformação e inclusão desse profissional fora do ensino tradicional proporcionou maior alcance das práticas educativas.

É quase unânime entre os estudiosos, hoje, o entendimento de que as práticas educativas estendem-se às mais variadas instâncias da vida social não se restringindo, portanto, à escola e muito menos à docência, embora estas devam ser a referência da formação do pedagogo escolar. Sendo assim o campo de atuação do profissional formado em Pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia. (LIBANEO, 2007 apud MENEZES, 2015, p. 16738)

O fato de a Pedagogia está relacionado ao campo das ciências da educação e lidar com o processo de construção de conhecimento, em sua grande maioria é reduzida apenas a prática docente, onde muitos pedagogos acabam se restringindo apenas a sala de aula.

Entretanto, cada vez mais estamos inseridos em ambientes diversos de atuação e aplicando as práticas pedagógicas, a partir da necessidade que o público escolar demanda. Sejam eles dentro das escolas ou em espaços não escolares, como o hospital. Proporcionando para o pedagogo desafios no que se refere ao processo educativo e tendo como principal objetivo a aprendizagem (SILVA, 2012).

A construção de prática de atuação voltada para o ambiente hospitalar, deve estar direcionada a ultrapassar as barreiras do ensino tradicional e promover um aperfeiçoamento, para que possa contribuir de forma efetiva no desenvolvimento infantil a partir das experiências vividas. É despertar nesse aluno/paciente o potencial para superar os momentos de hospitalização.

Na atuação dentro do hospital, é preciso atenção caso a caso, formular métodos para que a criança hospitalizada consiga acompanhar e realizar as atividades propostas. O desenvolvimento de novas habilidades para uma atuação efetiva, estimulando a aprendizagem dentro de um local que nada remete uma sala de aula. Na imagem a seguir, auxiliamos uma criança que estava com queimaduras pelo corpo e não conseguia realizar sozinha o momento de jogos que estava sendo realizado aquela tarde.

Imagem 4: Sala da Brinquedoteca, Hospital Municipal Infantil de Imperatriz/MA.
Fonte: Arquivo próprio



As vivências que esse estágio supervisionado proporcionou a mim, impactou diretamente nas expectativas que idealizava sobre como é a docência na prática. Deparamo-nos com a dura realidade existente dentro das salas de aulas (em outros estágios), e só nos damos conta do quão doloroso é esse processo quando estamos inseridos na rotina escolar de fato.

Em um espaço escolar tradicional já é esperado que as dificuldades cotidianas sejam resolvidas de forma mais rápida, em que o professor em grande parte traz aquele planejamento engessado, e que muitas vezes não consegue atender as particularidades de cada aluno.

E quando partimos para um espaço não tradicional de ensino como o ofertado dentro do hospital, esbarramos em maiores dificuldades, como a falta de estrutura para a realização das aulas, ter que adequar o ensino a partir da condição física e emocional da criança, visto, por muitas vezes não ser possível seguir um planejamento, mas ter que readaptá-lo diariamente.

A partir disso, é possível avaliar a necessidade do professor estar sempre em formação continuada, afim de que consiga atender os mais variados tipos de demandas educacionais. Manter-se atualizado em relação as práticas pedagógicas que são indispensáveis para um bom desenvolvimento do pedagogo, estar disposto

a se reinventar sempre que necessário, visando que todos sejam envolvidos dentro do processo educativo, pode tornar mais significativo a proposta de ensino.

O pedagogo hospitalar deve ter a compreensão dos medos existentes na criança que passa pelo processo de internação. O hospital acaba sendo o local do medo e da incerteza de estar fora de casa, a rotina diária de medicações e o contato com médicos e enfermeiros, muda tudo que a criança estava acostumada. O acompanhamento escolar desse indivíduo deve ser inserido nessa nova rotina, respeitando o quadro de saúde e oportunizando uma educação longe dos muros da escola.

Um caminho a ser percorrido pela educação quando se trata de ensino hospitalar, é a parceria entre as secretarias de educação e hospitais para que ocorra a manutenção do vínculo com a escola de origem durante o período de afastamento.

O estágio nos proporcionou a imersão na comunidade pedagógica e nos fez compreender como funciona essa organização administrativa, detalhando as funções que o pedagogo encontrará em situações reais dentro do cotidiano hospitalar. A partir do contato com a atuação em ambiente hospitalar foi possível identificar as lacunas que existem em relação a essa atuação, da necessidade de agregar habilidades e questões práticas a esse tipo de ensino, e a reflexão no sentido formativo do educador. O quanto as concepções adquiridas durante as aulas se tornam pequenas, diante da particularidade que o ensino hospitalar exige do professor.

2.3 As problemáticas encontradas no Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar

O pedagogo é o profissional que pode transitar nos mais diversos seguimentos, sendo um deles o hospitalar. A oferta de ensino para crianças e adolescentes que se encontram em períodos de internação fazendo necessário que o hospital disponha de uma classe hospitalar para o atendimento desses alunos/pacientes durante o tratamento.

As expectativas que surgiram em todos os alunos quando fomos informados onde seria feito o estágio, deu espaço a dura realidade encontrada no hospital. Onde não temos professores atuando na área e não existem espaços destinados as

classes hospitalares, sendo imersos em novos conhecimentos e possibilidades de atuação enquanto pedagogo.

Conhecer o que é e como funciona uma classe hospitalar, os benefícios que essa inclusão causa nos pacientes a necessidade de implantação e funcionamento dessa modalidade de ensino. A urgência que as leis acerca da educação necessitam ser respeitadas e o baque ao não encontramos nada disso sendo ofertado.

Entendemos que a criança com alguma enfermidade sofre com as privações impostas pela patologia, assim como pelo afastamento do seu meio de convivência familiar, social e escolar. Sabe-se que a maioria das crianças com patologias que requerem maior tempo de internação hospitalar ou que fazem hospitalizações recorrentes acabam excluídas da escola, o que gera um grande prejuízo ao desempenho social e escolar. (MATOS, 2017, p. 9)

Observa-se a falta de profissionais pedagogos na instituição hospitalar de Imperatriz, o mais próximo que os pacientes do Hospital Municipal Infantil tem de um ambiente pedagógico é o espaço da brinquedoteca, e nesse mesmo espaço não possuem qualquer acompanhamento por um profissional da Pedagogia. Não existem concursos direcionados a contratação do pedagogo hospitalar, o que existe é um grande abismo educacional.

O que acaba deixando à mostra a lacuna existente em nosso município quando nos referimos a educação hospitalar, a própria gestão não busca formas de minimizar os impactos causados a não implantação de classes hospitalares, as crianças e adolescentes internados ficam sem qualquer amparo educacional.

Com isso, percebemos a dificuldade em envolvê-los em atividades lúdicas e pedagógicas, os mesmos estão acostumados a ficarem apenas no celular o dia inteiro e não interagem nem mesmo com os outros pacientes. O que acarreta no distanciamento para um bom desenvolvimento físico, emocional e social desse paciente.

A hospitalização não impede que a criança desenvolva as suas dimensões afetivas, sociais e cognitivas, pois ela tem necessidades de aprendizagem, o simples fato de estar internada não significa que a criança esteja desprovida de inteligência e que elas não precisam ter uma educação sistemática. (MATOS, 2017, p.14)

O controle emocional é algo que faz parte do ensino em ambiente hospitalar, temos as mais diversas enfermidades sendo enfrentadas pelos alunos/pacientes, o

que acarreta em planos de ensino individualizado respeitando sempre o prontuário médico, buscando momentos de interação e alegria.

Aproximando esse indivíduo o mais perto da sua vida fora dos muros hospitalares, para que este consiga o êxito no seu tratamento amenizando as dores físicas e emocionais que uma internação provoca a uma criança, pois ocorre um rompimento brusco de seu cotidiano. A continuação do ensino escolar proporciona um acalento e conseqüentemente ajuda a passar por esse momento em sua vida.

A partir do momento em que não encontramos essa oferta de ensino dentro do hospital, percebemos a urgência que deve ser considerada a implantação de classes hospitalares. O bem-estar da criança não deve ser visto apenas pelo físico, já que esse, os remédios e o tratamento adequado são capazes de recuperar. Mas o lado emocional desse indivíduo que é retirado de forma repentina do seu cotidiano é necessário uma maior atenção durante esse período.

A lacuna existente entre os profissionais da saúde e os profissionais da educação, não existe uma união em prol do acolhimento total desses alunos/pacientes. Dessa forma foi perceptível identificar que não existem ações alinhadas com os profissionais da saúde em relação a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, os benefícios que a junção das duas áreas proporciona ao aluno/paciente que necessita ficar afastado da escola durante a recuperação da sua saúde.

O preconceito velado de que o professor não se faz necessário dentro do hospital, nada mais é do que a falta de conhecimento da importância que essa figura representa dentro de um ambiente que nada remete a escola. Os próprios pais relatavam surpresa por estar vendo estudantes de pedagogia dentro de um hospital, mostrando assim o abismo que a sociedade se encontra, pois, se não sabemos e nem temos acesso aos direitos básicos, não temos condições de lutar para que estes sejam cumpridos.

O pedagogo no ambiente hospitalar é um pilar dentro da vida do doente, pois ele vai mostrar para a criança/adolescente que mesmo estando em situação hospitalar é fundamental que ele possa ter uma perspectiva de futuro, porém deve tomar bastante cuidado com o tratamento dos que se encontra em fase terminal, pois devem fazer o possível para elevar a autoestima deles sem enganá-los ou dar perspectivas enganosas. (ASSIS; SILVA, 2017, p. 28)

Além disso, a falta de classes hospitalares acarreta em atrasos na continuação dos estudos para esse paciente, somente a busca pela recuperação total da enfermidade é levada em conta, quando na verdade o quanto mais próximo essa criança estiver do seu cotidiano, mais rápida é a recuperação e a reintegração ao seu grupo escolar.

A qualificação do professor para ser responsável por uma classe hospitalar ainda é questionada quando tratamos de educação inclusiva em espaços não formais de ensino. A própria comunidade acaba não conhecendo essa modalidade de ensino, que trabalha de forma multidisciplinar no preparo docente, afim de atender as mais variadas formas de atendimento e acesso à educação básica. Mesmo diante das possibilidades que o pedagogo é capaz de exercer esbarramos no conceito construído ao longo de anos que o professor é apenas aquele dentro da sala de aula. O que dificultou de certa forma uma maior interação com esses pacientes, o espanto das crianças em ver a figura do professor dentro daquele ambiente parecia algo que não era possível de acontecer.

O olhar a todo instante de outros estagiários, principalmente os que eram da área da saúde a nós estudantes de pedagogia, era o de: *o que vocês estão fazendo aqui?! Imaginem que a todo instante precisávamos explicar a necessidade de professores dentro do ambiente hospitalar e os benefícios que essa modalidade de ensino agrega aos pacientes.*

Acarretando assim certo desânimo, é como se nós da Pedagogia estivéssemos sobrando diante dos estagiários da saúde quando na verdade somos tão importantes quanto tais, pois a educação se faz necessária em toda a vida do aluno. É de suma importância que desde a graduação tenhamos disciplinas voltadas à Pedagogia Hospitalar, e que essa seja compartilhada na grade de estudos da área da saúde, para que os futuros profissionais entendam a importância do professor nessa modalidade de ensino.

Sem disciplinas durante a graduação que de fato estejam voltadas para esse tipo de atuação, o aluno fica envolvido apenas nas práticas para o ensino convencional, o que dificultou no planejamento das atividades que realizaríamos com aquele público. Durante toda a graduação somos englobados na educação para a sala de aula, como agir em determinadas situações, ao tipo de atividade para envolver o aluno.

Mas quando somos inseridos em uma nova área de atuação a qual não estamos habituados a ver o professor, o sentimento que aflora logo de início é o de não pertencimento aquele local. Ainda mais com tantas pessoas questionando ao mesmo tempo se realmente existe sentido para a figura do professor dentro de um hospital (MATOS, 2017).

Além disso, a ausência do profissional pedagogo durante a realização do estágio deixou as equipes um pouco perdidas em relação a como colocar a pedagogia em prática. É fato que, no estágio de gestão temos acesso a gestora escolar para auxiliar e mostrar na prática como funciona o processo, na educação infantil temos acesso a salas de aulas reais, com professores exercendo sua função, mas no hospital não tivemos orientação com um profissional que atuasse na função, pelo fato de que em Imperatriz não há professores atuando dentro dos hospitais.

A dificuldade durante todo o período de estágio dentro do hospital foi muito grande, muitas das vezes nos sentíamos deslocados e sem reação para iniciar qualquer atividade. Na sala de observação as crianças não davam atenção, nas enfermarias a mesma coisa, onde conseguíamos um pouco mais de interação era dentro da brinquedoteca.

Então percebemos a real necessidade de ter um professor atuando dentro do hospital, haviam muitas crianças que estavam internadas a meses e que estavam totalmente afastadas da escola. Já que a orientação repassada aos pais é apenas levar o atestado para justificar as faltas.

Outro ponto que identificamos como falho, é o fato de a escola não orientar os pais em relação a esse tipo de afastamento, não informam sobre a possibilidade de continuação do ensino dentro do hospital, e as leis que asseguram esse direito. Informação essa, que alguns pais confirmaram desconhecer, ao questionar a escola como ficaria o ano letivo da criança apenas pediam o atestado médico.

O que acabou dificultando a elaboração do plano de atividades que poderíamos desenvolver, pois é necessário levar em consideração o estado físico da criança, e o local onde se concentravam a maioria das crianças era a brinquedoteca então a partir dos recursos disponíveis naquele ambiente realizávamos as intervenções.

O apoio do estado e as leis já criadas para preservarem os direitos da criança e adolescente ficam apenas no papel, na prática nem todas as crianças desfrutam desse tipo de atendimento escolar dentro dos hospitais. Além do que, o

hospital não atende somente o próprio município, mas também cidades próximas que não dispõem de uma estrutura hospitalar completa.

Realizar atividades pedagógicas dentro de um hospital com real significado para aqueles pacientes não é uma tarefa fácil, principalmente quando não temos referências de profissionais atuantes em nosso município. Foi como andar no escuro, a todo instante nos adaptando, pesquisando e buscando dar sentido as ações que idealizamos.

Ser um profissional de pedagogia que opta por atuar na área hospitalar deve estar preparado para inúmeros desafios, por isso deve se especializar para que tenha a melhor metodologia para ensinar seus alunos que estão em situações delicadas, além de estar preparado também para suportar o quão difícil é trabalhar dentro de um hospital e ter que lidar com as mais variadas doenças, além de muitas vezes ter que lidar com a perda de alunos em estágios terminais. (ASSIS; SILVA, 2017, p. 31)

É fato que mesmo ajustando as intervenções conforme a realidade dos grupos que encontrávamos, o sentimento de que estava faltando algo percorreu durante toda a realização do estágio. Encontrar atividades que não se tornassem cansativas e repetitivas, mas que conseguisse englobar a maioria deles não foi uma tarefa fácil.

A limitação física de alguns por exemplo, não permitia uma brincadeira de pintura ou de montar jogos, se restringia a leitura e os mesmos não demonstravam interesse o que dificultava nossa intervenção em alguns dias. As crianças tinham horários em que podiam sair das enfermarias para ficar na brinquedoteca.

E falando em limitação física, participavam desses momentos de intervenção as crianças da ala de queimados. Esses pacientes demandam um maior tempo de internação para que ocorra a cicatrização da pele, e em grande parte dos casos elas estavam com o corpo parcialmente debilitados.

Adaptar brincadeiras para que elas não se sentissem excluídas do restante do grupo foi uma tarefa difícil e sem alguém que nos direcionasse a aplicar atividade a esse grupo em especial foi muito desafiador. Proporcionar a essas crianças uma proximidade com suas vidas fora do hospital, seja realizando uma pintura ou apenas montando quebra cabeça mostrou o quanto é importante esse resgate do cotidiano para a saúde emocional da criança.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências adquiridas durante esse período de Estágio Obrigatório de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar me fizeram ter a visão de diferentes perspectivas sobre a formação do pedagogo e a importância de sua atuação no hospital. A desconstrução de ideias pré-estabelecidas sobre o curso de pedagogia me ajudou a entender e acreditar que apesar das dificuldades que a educação possui, a pedagogia hospitalar se faz necessária durante o período de internação.

Estar inserida em um ambiente no qual nada remete ao ensino tradicional que é feito dentro das escolas, me possibilitou enxergar a pedagogia com um novo olhar. Olhar esse que, durante muito tempo em minha trajetória acadêmica, sempre me fazia fugir do exercício da docência em sala de aula, não me via dentro desse padrão habitual de ensino.

Padrão esse, que ao longo desse período de realização no hospital me permitiu uma nova visão para essa profissão a qual me graduo agora. A arte de ensinar vai para além de um local estabelecido como escola, mas se faz presente onde encontramos pessoas que busquem o aprender.

Ao adentrar o mundo da Pedagogia Hospitalar, me deparei com inquietações que nunca havia sentido antes. O ensinar com a alma, com o carinho de estar diante de crianças que de alguma forma tiveram suas vidas paralisadas por um período devido a tratamentos de saúde, despertou em mim o sentimento de que é possível ensinar dentro de outras realidades e que a escola vai além das paredes convencionais. E que é possível um ensino de qualidade mesmo dentro de um hospital, mas para que ocorra isso é necessário o cumprimento de leis que garantem o acesso do pedagogo ao hospital.

E a partir da experiência dentro do ambiente hospitalar, houve uma grande transformação interna, como pessoa, como profissional e o principal em meio a tudo isso: um ser humano com mais empatia a essas crianças que estão enfrentando tratamentos de saúde. Ter a consciência de ser esperança em um ambiente tão hostil, me permitiu enxergar com novos olhos a pedagogia.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Jaqueline Aparecida de; SILVA, Marilda Placidino da. **Saúde e Educação: a importância do Trabalho do Pedagogo na Instituição Hospitalar**. 2017. 48 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade Calafiori, [S. l.], 2017. Disponível em: <http://calafiori.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/SA%C3%9ADE-E-EDUCA%C3%87%C3%83O-a-import%C3%A2ncia-do-Trabalho-do-Pedagogo-na-Institui%C3%A7%C3%A3o-Hospitalar.pdf>. Acesso em: 03/05/2023.

BARREIRO, Iralde Marques de Freitas.; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo. Avercamp, 2006.

BEHAR, Patricia Alejandra. O ensino remoto emergencial e a educação a distância. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**, [S. l.], p. 1, 2 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 01/12/2022.

BRASIL. **LEI Nº 5.540, DE 28 DE NOVEMBRO DE 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Coleção de Leis do Brasil. 1968, p. 152, Vol. 7, 1968.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em 26 de setembro 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20/09/2022.

BRASIL, **Lei Nº 11.104, de 21 de março de 2005**. Brinquedoteca nos hospitais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, DF, 21 mar. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm. Acesso em 8/11/2022.

BRASIL. **Resolução Cne/ Cp Nº 1, de 15 de Maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_rcp0106.pdf?query=LICENCIATURA Acesso em: 14/11/2022.

BRASIL. **Portaria Nº 343, De 17 DE Março De 2020 nº 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017., de 17 de março de 2020**. Publicado em: 18/03/2020. Edição: 53, Seção: 1, P. 39. [S. l.], 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 03/11/2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. **Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com**

Aprendizado ao Longo da Vida. Brasília: MEC/SEMESP, 2020. p. 80-81.
Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf>. Acesso em: 19/10/2022

BRASIL. Ministério da Justiça. **Lei nº 13.716, de 25 de setembro de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.716%2C%2024,ou%20domiciliar%20por%20tempo%20prolongado](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.716%2C%2024,ou%20domiciliar%20por%20tempo%20prolongado.). Acesso em: 19/10/2022.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão.** 2. ed. Niterói: Impetus, 2010.

CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juventude: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo. Paulus, 2002.

CRUZ, Evandro Costa; COSTA, Deuzeli Brandão da. A importância da formação continuada e sua relação com a prática docente. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Edição 08. Ano 02, Vol. 03. p. 42-58, Nov. 2017.
Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/formacao-continuada#_ftn1. Acesso em 10/12/2022.

CRUZ, D, M; VENTURA, L. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 426-446, jan./mar. 2019.

CUNHA, N. H. S. Brinquedoteca: definição, histórico no Brasil e no mundo. In: FRIEDMANN, A (org). **O direito de brincar: a brinquedoteca.** São Paulo: Scritta, 1992, p. 35-48.

DUARTE, Ana Cristina Santos; SANTOS, Daniela Souza; SANTOS, Diógenes Souza. **Um estudo sobre o ensino superior noturno na perspectiva de estudantes trabalhadores do curso de licenciatura em ciências biológicas na uesb** [S. l.], p. 1-16, 4 fev. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/6219-Texto%20do%20artigo-11504-1-10-20200206-2.pdf>. Acesso em: 01/05/2023.

GIL, Juliana Dallarmi; PAULA, Ercília Maria A. Angeli T. de; MARCON, Andressa. O significado da prática pedagógica no contexto hospitalar. **Olhar de Professor**, v. 4,1, p. 113, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/684/68440109.pdf>. Acesso em: 19/10/2022

GISI, Maria Lourdes; MARTINS, Pura Lucia Oliver; ROMANOWSKI, Joana Paulin. O estágio nos cursos de licenciatura. In: Romilda Teodora Ens, Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau, Marilda Aparecida Behrens (org.). **Trabalho do professor e saberes docentes.** Curitiba: Champagnat, 2009.

HIPÓLITO, Ingridy Bianca da Silva; ALVES, Francisca Ivoneide Benicio Malaquias. A Atuação do Pedagogo dentro do Ambiente Hospitalar: o papel do pedagogo além da sala de aula. **Id on Line Rev. Psic.** v.15, n. 57, p. 757-765, outubro/2021. Disponível

em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile/3249/5094>. Acesso em: 22/10/2022

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para que?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas.** Curitiba: EdUFPR, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>. Acesso em: 27/10/2022.

MARANHÃO (Estado). Prefeitura Municipal de Imperatriz. Secretaria de Saúde. **Hospital Infantil fecha primeiro semestre com quase 15 mil atendimentos** [S. /], 4 ago. 2021. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br/noticias/saude/hospital-infantil-fecha-primeiro-semester-com-quase-15-mil-atendimentos.html>. Acesso em: 03/12/2022.

MARANHÃO (Estado). Prefeitura Municipal de Imperatriz. Secretaria de Saúde. Hospital Infantil lançará Projeto Pedagógico: **Espaço da Brinquedoteca do Hospital** [S. /], 30 jul. 2021. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br/noticias/hospital-infantil-lancara-projeto-pedagogico.html> Acesso em:03/12/2022.

MARANHÃO (Estado). Universidade Federal do Maranhão. **Instrução Normativa 05/2021 PROEN.** Dispõe sobre a realização das atividades de estágio curricular obrigatório durante a situação pandêmica no âmbito dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 28 jun. 2021. Disponível em: <http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/xviDKoGScMri0mA>. Acesso em: 16/11/2022

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MATOS, Solange Paes. **Pedagogia Hospitalar: um processo de mediação e inclusão.** 2017. 26 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal Fluminense, Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior. [S. /], 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/4998/TCC%20Solange%20Paes.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em:02/05/2023.

MOURA, Jónata Ferreira de. **Pesquisa-formação: marcas, resistências e apropriações reveladas pela escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de pedagogia que ensina(rá) matemática.** Tese. 228p. Itatiba, 2019.

PASSEGGI, M. C. A experiência em formação. **Educação.** Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação,** São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul./dez.1996.

SANTANA, Sara dos Santos. Curso de Pedagogia no Brasil: **Trajetória, Saberes e Profissionalização**, [s. l.], 28 abr. 2023. Disponível em:

<https://petpedagogia.ufba.br/curso-de-pedagogia-no-brasil-trajetoria-saberes-e-profissionalizacao#:~:text=O%20curso%20de%20Pedagogia%2C%20propriamente,Escola%20Normal%20no%20Per%C3%ADodo%20Regencial>. Acesso em:

28/04/2023.

SILVA, Acildo Leite da; DUBLANTE, Carlos André. **A FLOR-DE-LIS**: os 64 anos do curso de pedagogia da Ufma [s. l.], 22 ago. 2016. Disponível em:

<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/1hteTtnRiiqCfZ.pdf>. Acesso em:

28/04/2023.

SILVA, Adrieli. **O papel do pedagogo no ambiente hospitalar**. Brasil Escola, [S. l.], [2012?]. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-papel-pedagogo-hospitalar.htm>. Acesso em: 27/09/2022

WIEBUSCH, A.; DALLA CORTE, M. G. O Estado do Conhecimento sobre o curso de Pedagogia e a Gestão Educacional/Escolar neste curso de formação. **Educação Por Escrito**, v. 5, n. 2, p. 212–227, 2014. DOI: 10.15448/2179-

8435.2014.2.17760. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/17760>.

Acesso em: 28/04/2023.